

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
17 de setembro de 2022

NICHOLAS AND ALEXANDRA / 1971

(Nicolau e Alexandra)

Um filme de FRANKLIN J. SCHAFFNER

Realização: Franklin J. Schaffner / **Argumento:** James Goldman a partir do livro homónimo de Robert K. Massie / **Fotografia:** Frederick Young / **Direcção Artística:** John Box / **Guarda-Roupa:** Yvonne Blake e António Castillo / **Montagem:** Ernest Walter / **Música:** Richard Rodney Bennett / **Intérpretes:** Michael Jayston (Czar Nicolau II), Janet Suzman (Czarina Alexandra), Tom Baker (Rasputine), Laurence Olivier (Conde Witte), Jack Hawkins (Conde Fredericks), Irene Worth (Czarina-Mãe, Maria Fedorovna), Roderic Noble (Príncipe Alexei), Michael Redgrave (Savonov), Michael Bryant (Lenin), John McEnery (Kerensky). Brian Cox (Trotsky), James Hazeldine (Stalin), Ian Holm (Yakovlev), Curd Jürgens (Cônsul Alemão), Alexander Knox (Embaixador Americano) etc.

Produção: Sam Spiegel e Andrew Donally para a Columbia / **Cópia:** digital, cor, legendada electronicamente em português / **Duração:** 188 minutos / **Estreia Mundial:** Reino Unido, 29 de Novembro de 1971 / **Estreia em Portugal:** 28 de Maio de 1974 no cinema Monumental.

NICHOLAS AND ALEXANDRA é apresentado em “double bill” com **THE SCARLET EMPRESS**, de Josef von Sternberg (“folha” distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

Franklin J. Schaffner (1920-1989), como vários dos realizadores da sua geração, chega ao cinema – onde se estreou em 1963 com o filme **The Stripper** – vindo da televisão. É normalmente considerado e catalogado com um competente “artesão” e... ponto final.

É um facto que Schaffner não foi, nem nunca pretendeu ser, um cineasta “moderno”; não são visíveis na obra dele influências estéticas ou éticas quer das *nouvelle vague* europeias, quer das experiências cinematográficas americanas ditas independentes. Os filmes de Schaffer eram (e ainda são) analisados, em primeira instância, pelo argumento: se o argumento “funcionasse” o filme era bom, se não “funcionasse” era um filme falhado.

Louvaram-lhe **Patton** (que ganhou sete óscares, incluindo o de melhor realizador) e **Planet of the Apes**. Mais reticentemente **Papillon** e **The Boys From Brazil**.

Entre os seus filmes catalogados como falhados encontra-se – e com grande destaque - **Nicholas and Alexandra**, obra que, na filmografia de Schaffner, vem imediatamente após o já citado **Patton**. Sendo ambos filmes biográficos, as comparações foram inevitáveis e nada abonatórias para o filme que hoje iremos ver.

É obvio, trinta e tal anos depois, que **Nicholas and Alexandra** não é uma obra-prima. Também é verdade que não é o melhor filme de Schaffner. Mas...

Voltando ao argumento. Schaffner, presumo, não tinha veleidades nem pretensões de argumentista. E ainda se as tivesse, não era neste filme, para todos efeitos uma super-produção para a época, que a iria ou poderia pôr em prática. Assim sendo, limitou-se a filmar o guião que o produtor lhe entregou. Guião esse que tinha, à partida, problemas e contradições insolúveis. Ao pretender ser, simultaneamente, por um lado uma obra intimista e biográfica sobre o último casal de Czares, e por outro um retrato – e um relato - dum acontecimento histórico com a importância, o impacto e a complexidade da revolução de Outubro, não conseguiu ser, como era inevitável, nem uma coisa nem outra. A alternância das sequências com e sem os Romanov é arbitrária e dramaticamente inconsequente.

Há personagens que ficamos com vontade de ver e saber mais (Rasputine, por exemplo) e há outras que de tão redutoras, só confundem e atrapalham.

Até aqui estamos todo de acordo.

Mas, se admitirmos que há cinema para além do argumento, e se, ao ver este filme nos abstrairmos da história (com h pequeno) e da História (com H grande), então poderemos ter algumas agradáveis surpresas.

A primeira está relacionada com a característica acima referida, a da competência do “artesão”. Se nos idos anos setenta, por ser comum a muitos e muito bons realizadores, esse aspecto não era valorizado por aí além, hoje dá um gozo especial ver na tela planos bem enquadrados, movimentos de câmara bem executados, uma escala de planos correcta e uma utilização do espaço e do décor bem pensada e melhor executada

Entre várias sequências brilhantemente filmadas (seria mais correcto dizer realizadas), destacamos a última, a do fuzilamento.

Depois temos o *casting*. Sem vedetas nos papeis principais (e talvez o filme se tenha ressentido disso nas receitas de bilheteira), Schaffner quis, e na maioria dos casos conseguiu, conciliar a qualidade de representação dos intérpretes que escolheu, à verosimilhança física entre eles e as personagens que encarnam. E se bem que nesse particular o resultado seja impressionante, o elemento mais surpreendente é a composição de duas personagens que, embora secundárias, vão ter, graças a essa nada evidente ou óbvia “postura”, uma importância e uma força que, com certeza, não tinham no argumento. Refiro-me a Alexei, o Príncipe herdeiro e hemofílico, e ao carrasco, que no fim do filme comanda o pelotão de fuzilamento.

Para terminar, não pudemos deixar de fazer referência a todo o lado plástico do filme: Os décors, o guarda-roupa, os adereços, a maquilhagem e, claro, a luz.

Tudo isto pode ser devidamente apreciado na magnífica cópia que hoje iremos projectar.

Como curiosidade, recordamos que o filme só estreou em Portugal depois do 25 de Abril. A censura tinha-o proibido!!!

JOÃO PEDRO BÉNARD